

## **Escrever e viver: A crônica de Carmem Dolores como meio de subsistência**

Risolete Maria Hellmann (Doutoranda, Literatura, UFSC; Professora, IFSC)<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O mercado editorial brasileiro nem sempre assegura a subsistência dos escritores, o que leva muitos a optar por escrever crônicas em periódicos. Carmem Dolores, entre outros cronistas, foi reconhecida pela crítica da sua época e politicamente esquecida pela História da Literatura canônica. Ela escreveu crônicas até a véspera do seu falecimento para sua subsistência. Evidenciamos o valor literário desse gênero e o empenho da escritora e jornalista.

**Palavras-Chave:** Carmem Dolores, crônica, subsistência.

### **ABSTRACT:**

The Brazilian publishing market does not always ensure the livelihood of writers, leading many to opt for chronicling in journals. Carmem Dolores, among other chroniclers, was recognized by critics of his day and politically forgotten by history of canonical literature. She chronicled until the eve of his death for their livelihood. We demonstrated the value of this literary genre and commitment of the writer and journalist.

**Keywords:** Carmem Dolores, Chronic, Subsistence.

*O velho escritor [...] foi mais uma das numerosas vítimas do meio literário nacional, em que o mercado nunca pode assegurar ao artista essa desafogada e livre existência de homens de letras, que precisam de não se preocuparem[sic] com prazos para findarem as suas obras mais carinhosamente concebidas. Miserável vida, angustiada e desesperadora! [...]*

*E aqui no Brasil, [...] essa miséria e esse desespero se impõem a quantos tentam fazer vida pelas letras e sonham escrever um livro belo e bem sentido, mas esbarram na engrenagem da luta cotidiana pela subsistência, que os leva até a morte a rabiscar ingloriamente tiras e mais tiras de papel, sempre correndo, na horrível caça ao pão. Morre-se escrevendo (Carmem Dolores)*

Lendo a epígrafe mais demoradamente, parece que estamos falando da realidade vivenciada por escritores dos nossos dias. Ou, ainda, do mercado editorial brasileiro contemporâneo que ainda não assegura aos escritores de livros que sobrevivam do que lhes rende financeiramente o resultado de meses, às vezes, anos de labor incansável. Afinal, “um livro belo e bem sentido”, “carinhosamente concebido”, nunca é fruto de acaso ou de uma iluminação repentina, mas sim de empenho, de estudo, de reflexão e de

muito trabalho árduo. No entanto, a epígrafe foi retirada de uma longa tira de papel, amarelado pelos 105 anos em que lá foi publicada e, hoje, está guardada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A escritora Carmem Dolores a escreveu em sua crônica dominical, publicada na coluna "A Semana", do jornal *O Paiz*<sup>2</sup>, em 16 de fevereiro de 1908. E a atualidade de suas ideias, pelo menos para a realidade brasileira, é motivo suficiente, a nosso ver, para resgatá-la do limbo em que os historiadores e críticos da literatura a deixaram.

Dessa constatação, fica evidente que as razões que levam tantos escritores e escritoras brasileiro(a)s, alguns prosadores, outros poetas na sua essência laboral, a optarem por escrever crônicas e publicá-las em jornal. São muitos os que “esbarram na engrenagem da luta cotidiana pela subsistência”. Mas as perguntas que nos movem nesta reflexão sobre escrever crônica como meio de subsistência e o valor disso na vida de quem vive das letras são: terá esse gênero menos valor literário por ser produzido “sempre correndo”? Terá o(a) escritor(a) menos empenho na sua elaboração, quando pensa na sua efemeridade própria dos textos publicados no jornal?

E mais, constatamos que essa questão da produção da crônica como meio de subsistência não é nova. Pelo contrário, na epígrafe acima, “o velho escritor” era o português D. João Câmara, sobre o qual o jovem (em 1908) cronista Luiz da Câmara Reis escrevera um artigo e com quem Carmem Dolores dialogava na sua coluna de *O Paiz*. Essa, então, já era uma realidade além dos limites do nosso país, no período da *belle époque* brasileira, antes que o modernismo aqui fosse inaugurado no início do século XX. Já era uma triste realidade naquele período em que as crônicas eram bem mais extensas do que as que surgem posteriormente, quando a crônica passa a ocupar a atenção de críticos literários como Antonio Cândido, Afrânio Coutinho, Davi Arrigucci Junior, entre outros. É a partir da década de 1930 que a crônica consegue seu status de gênero literário e surgem cronistas que publicam seus textos diretamente em livro, sem que antes passem pelo efêmero jornal.

No Brasil, ainda nos fins do século XIX e início do século XX, é possível encontrar, em jornais da época, crônicas de Machado de Assis, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto, Olavo Bilac, João do Rio e tantos outros contemporâneos de Carmem Dolores. Escritores e escritoras usaram suas penas em textos concebidos como jornalísticos, mas nos quais, muitas vezes, o poético se sobressaia à reportagem pelo talento excepcional e pela capacidade de trabalho dos artistas das letras. Apesar disso,

---

<sup>1</sup> E-mail: [risolete@gmail.com](mailto:risolete@gmail.com)

<sup>2</sup> Optamos por manter a grafia original do nome do jornal.

entendemos a crônica como uma escrita ensaística, na qual a voz do autor (e não de um narrador ficcional) prevalece. De forma semelhante ao gênero biografia, discutido por Vilas Boas (2004, p.90), os pesquisadores devem atentar para o modo de acessar, investigar, selecionar e organizar as informações que contribuirão na revelação do retrato do biografado, pois o biógrafo não faz ficção, não cria personagens, não inventa destinos como o autor de ficção. A tradição biográfica tem se firmado, principalmente, nos campos da literatura, da história e do jornalismo. Nos estudos literários, há uma tendência em que críticos literários exploram a vida e a obra de escritores através das biografias. Nesta pesquisa, não temos a intenção de construir sua biografia, no entanto concebemos o texto da crônica como documento, ou seja, como fonte de referencialidade primária do qual extraímos dados biográficos da autora para comentar a relação entre a sua existência como escritora brasileira do século XIX e a sua escrita de crônicas. Apesar das muitas diferenças entre os gêneros autobiografia e crônica, ao explorar a subjetividade autoral, valemo-nos de alguns aspectos norteadores levantados por Philippe Lejeune (1991) como o pacto de autenticidade, pois no texto a autora afirma a sua identidade, de modo que o leitor não duvide de que o “eu” do texto remete à escritora.

É possível que numa pesquisa mais abrangente, a qual abarcasse o século XX até os nossos dias, pudéssemos constatar tantos outros casos de escritoras e escritores brasileiros que optam por escrever crônicas para periódicos “na horrível caça ao pão” de cada dia. Cronistas como Raquel de Queiroz, Ruben Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Clarice Lispector, Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, pela sua ampla produção de crônicas reconhecida pela crítica literária, mereceriam essa investigação comparativa. Assim como, muito(a)s cronistas, que não alcançaram esse reconhecimento por parte da crítica e historiografia canônicas, também o merecem.

Raquel de Queiroz, a título de exemplo, cronista de vários periódicos, foi, segundo Cecília Maria Cunha (2011, p.95), “uma das poucas escritoras que, desde cedo, conquistou a sua independência financeira sendo jornalista, romancista e tradutora.” A própria autora tematiza o valor do ato de escrever crônica em jornais e revistas na “Crônica partida em duas” do periódico *O Cruzeiro* em 13/11/1954: “O gênero crônica anda ultimamente meio barateado na imprensa nacional. Cada jornal e revista sustentam a sua equipe de pelo menos meia dúzia de cronistas, - pois se descobriu que a crônica é por demais fácil de fazer [...]” (QUEIROZ, 1954, p. 114)

Clarice Lispector substituiu Raquel de Queiroz, a partir de 1967, no "Caderno B"

do *Jornal do Brasil*. Ela, que além de escritora foi jornalista, deixa claro desde o início o seu estranhamento com o gênero ao afirmar, certa vez, num depoimento:

Crônica eu não faço, não sei fazer. Não vivo no ambiente literário, não faço vida noturna. Vou à praia porque gosto, não tenho muitas rodas, não vou a bares. Como vou arranjar assunto para uma crônica, que é sempre um comentário de acontecimento? (OLIVEIRA, 1980, p. 116)

No entanto, ela, que é conhecida por seus romances de linguagem "difícil", revela-se, desvenda seus mistérios nas crônicas. Durante os seis anos (de 1967 a 1973) em que ela escreveu crônicas semanalmente para o *Jornal do Brasil*, cuja coletânea de 446 crônicas foi organizada em ordem cronológica e compilada no livro *A Descoberta do Mundo*, a misteriosa romancista e contista deixou-se desnudar, expondo suas inseguranças, sua falta de inspiração, sua inadequação para aquele papel e suas oscilações emocionais.

Assim como outros grandes cronistas brasileiros, passando por Carmem Dolores, João do Rio, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos – que produziam crônicas como meio de subsistência ou como complemento do salário de funcionário público - Clarice também escreveu crônicas como meio de sobrevivência, uma vez que romances e contos não lhe davam o retorno econômico necessário para tal. Numa de suas crônicas em *A Descoberta do Mundo* escreveu: "[...] para disfarçar minha verdadeira função, pois bem que aproveito do falso emprego e faço dele o meu verdadeiro, inclusive o dinheiro que me dão como diária para facilitar minha vida de modo que o ovo se faça." (LISPECTOR, 1992, p. 322).

Obviamente, não generalizamos o fato para todos os escritores/cronistas que surgiram ao longo do século XX e início do século XXI, porém ainda hoje é um fato atual que o mercado editorial de livros não assegura ao artista das letras a sua “desafogada e livre existência” como lemos na epígrafe. Contudo, como temos os limites das linhas deste artigo, selecionamos, para analisar aqui, o caso de Carmem Dolores, escritora que inicia sua carreira literária ainda no século XIX, que vive um período de grandes transformações sociais, políticas e culturais e, apesar da sua posição social desprivilegiada num contexto ainda patriarcal, que usa a sua “débil pena de mulher”, como ela ironicamente se descreve, para escrever crônicas. E por que escolher uma autora anterior ao período em que “[...] a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas [...]”, ou seja, a década de 1930, conforme coloca Cândido (1992, p. 17)? Para reconhecer que, em todos os tempos, desde que a crônica surgiu como folhetim nos

jornais brasileiros, ainda no século XIX, nossos intelectuais se valeram de sua produção como meio de subsistência. Desde o folhetim do século XIX, passando pelas longas crônicas de fundo jornalístico e forma poética da *belle époque*, abordando assuntos diversos da vida cotidiana, às concisas crônicas de Rubem Braga, com "[...] o comentário de acontecimentos de conhecimento público ou do imaginário do cronista pelo ângulo da recriação do real", como expõe sobre o crítico Sá (1992, p. 9), as transformações estruturais são evidentes, a linguagem sofre alterações, mas os temas que registram o cotidiano reaparecem inúmeras vezes em diferentes vozes e épocas. Da mesma forma, muitos são os cronistas que se valem da metalinguagem, isto é, que escrevem crônica para falar sobre o ato de escrever crônica, sobre o ofício do cronista de jornal, sobre o significado dessa escrita jornalística sendo ele, ou ela, do meio intelectual das letras, como o faz Carmem Dolores.

Carmem Dolores, um dos pseudônimos usados por Emília Moncorvo Bandeira de Mello, ficou viúva em 1886, com 34 anos. Já era mãe de seis filhos, dos quais o mais velho, alguns poucos anos depois, morreu ainda jovem, mas quando já se fazia provedor da família, conforme ela mesma coloca em crônica em *O Paiz*:

[...] os beijos deste sol tão cantado dão a morte, infiltram no sangue o mortal veneno da febre. Ah! foi no mês da cigarras e dos *flamboyants* porpurejantes, aos cânticos de Natal feliz, que meu marido cerrou para sempre os olhos no anseio do acesso pernicioso que se bebe aqui nos raios luminosos deste céu azul e fulmina em horas seres vigorosos, robustos, como era ele.

Eu tinha um filho, novo, forte, distinto, inteligente, já brilhando na carreira que abraçara... mas ele me escrevia sempre: 'Que calor, onde estou! Este sol mata-me...'

Esgotou-o, de fato, o atroz clima, e ainda hoje, a terra maldita que lhe cobre os restos, longe de mim, arde e queima como as minhas lágrimas. As estridulas cigarras que lhe rodeiam o túmulo, embriagadas de luz, cantam a morte e não a vida. E eu, durante o verão, nesse canto vibrante, no ar rarefeito, no sol que escalda, no azul que resplandece – eu só leio duas únicas palavras, flamejantes como feitas de viva brasa: desgraça e dor. (DOLORES, 1906b, p. 1)

Na escavação empreendida até o momento em nossa pesquisa, na busca de dados biográficos da autora, muito pouco conseguimos acrescentar ao que já consta na antologia de *Escritoras do Século XIX*, organizada por Zahidé Muzart e publicada em 1999, na qual Eliane Vasconcelos coloca que Carmem Dolores é:

Nome literário de Emília Moncorvo Bandeira de Melo, [que] nasceu no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1852 e faleceu em 16 de agosto de 1910. Era filha do Dr. Carlos Honório de Figueiredo e D. Emília Dulce Moncorvo de Figueiredo. Casou-se com Jerônimo Bandeira de Melo. Deste enlace nasceu a escritora Cecília Bandeira de Melo, que ficou conhecida com o pseudônimo de Mme. Chrysanthème. (VASCONCELOS, 1999, p. 500).

Nessa obra, a pesquisadora já esclarece alguns equívocos registrados anteriormente como: sobre seu local de nascimento, o Rio de Janeiro, que Luiz Correia Melo havia registrado como São Paulo; sua data de falecimento, 16 de agosto de 1910,

que Brito Broca e Raimundo de Meneses registraram como sendo 13 de agosto de 1911.

No entanto, além de Chrysanthème, ela teve outros filhos, conforme registra, em ordem cronológica de nascimentos, Pinto (2006, p. 108): Gastão Moncorvo Bandeira de Mello, Cecília Moncorvo Bandeira de Mello, Alice Moncorvo Bandeira de Mello, Oscar Moncorvo Bandeira de Mello, Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello e Dulce Moncorvo Bandeira de Mello.

Dentre esses poucos dados biográficos, o que nos importa aqui é mostrar que a opção por escrever crônica no jornal e não trabalhar vagarosamente mais romances e contos se deve à sua condição de viúva com família por sustentar, como ela mesma destaca, em sua crônica publicada em *O Paiz* no dia 30/06/1907. Nessa crônica, ela indaga Carlos de Laet, numa declarada posição adversa às colocações dele, em crônica anterior, sobre o “pedantismo feminista” de mulheres que trabalham fora de seu lar:

Falou V.Ex. em mulheres viciadas e perigosas à sociedade. Não as acha no pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando ao homem, não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes competições da vida?

E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher, em vez de ser a doce companheira de alguém que trabalha para ela, é, pelo contrário, aquela que labuta para todos? O feminismo não vai de certo arrancar meigas esposas ao lar bem amparado pelo competente chefe, assim como a lei do divórcio não obrigará jamais alguém que se considere feliz a divorciar. [...]

O feminismo faculta apenas à mulher isolada e em luta pela vida, como o homem, os mesmos direitos de ganhar essa vida, tão dura e tão penosa, quando falta o pão. [...]

Eu não deveria referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu caso pode também vir à cena, como um exemplo impessoal, dando apenas para confirmar a contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.

Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como ‘diletante’ muito oculta e até ‘com vexame’ cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.

Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa, discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet: e de cofre, espavorida, eu me vi sozinha em face da realidade atroz... escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho, permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.

E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais escrevo.

Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver. (DOLORES, 1907c, p. 1).

Ela sustentou sua família escrevendo crônicas, artigos de crítica literária, contos para vários jornais do Rio de Janeiro: como Júlio de Castro, encontramos seis textos que oscilam entre crônicas, contos e crítica literária, publicados em jornais do Rio e de Petrópolis entre 1898 e abril de 1903. Mario Villar, outro pseudônimo, parece ser, para a autora, a voz que “não deu certo”, pois encontramos apenas dois contos curtos: um em 1899, *Impressões* e outro, em 1906, *Notas de um Errante*. De Leonel Sampaio encontramos um número considerável de narrativas, dezoito contos curtos - bem no estilo folhetim - que alcançaram jornais do Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de

Janeiro, entre janeiro de 1904 e setembro de 1906. Com o pseudônimo Célia Márcia encontramos 29 crônicas escritas por ela em francês e publicadas no jornal carioca *L'Etoile du Sud*, numa coluna intitulada *Lettres d'une bresilienne* - entre agosto de 1904 a abril de 1905. Contudo, ela acabou optando pelo pseudônimo Carmem Dolores para publicar sua obra cronística de maior valor para a crítica da época, principalmente a que escreveu para *O Paiz* (1905 a 1910) e para o *Correio da Manhã* (1907 a 1910). Assim como, para publicar os livros de contos *Um drama na roça* (1908); *Lendas Brasileiras* (1908), o livro de crônicas *Ao esvoaçar da ideia* (1910), o romance *A luta* (1911) e o também póstumo *Almas Complexas* (1933), além da peça teatral *O desencontro* e as conferências literárias, ela usou o pseudônimo Carmem Dolores. No periódico *O Paiz* publicou 287 crônicas, identificadas em nossa pesquisa até o momento, na coluna dominical *A Semana*, entre 08.01.1905 e 14.08.1910. Ironicamente, considerando as suas próprias palavras na crônica de 16 de fevereiro 1908, “morre-se escrevendo”, publica a última, no jornal *O Paiz*, dois dias antes do seu falecimento em 16 de agosto de 1910.

Raros foram os domingos, nesses cinco anos e meio, em que não apareceu uma crônica da escritora na primeira página do jornal de grande repercussão nacional, como foi *O Paiz*. Mesmo no último ano, quando a doença, que a levou à morte, a corroía aos poucos, ela foi incansável, como nos relata Julia Lopes de Almeida na crônica intitulada “Carmem Dolores”:

[...] mesmo varada por dores lancinantes, com a fronte coberta por suores frios, os dedos entorpecidos, a carne a sumir-se-lhe entre a pele e os ossos, o corpo vergado, torcido como um trapo pela brutalidade das crises do mal que a matava, escrevia ainda as suas crônicas costumeiras, com o mesmo, ou ainda mais brilho de conceitos, com a mesma, ou ainda maior ironia nos comentários, e a mesma maleabilidade no estilo moderno e fácil, que sempre a distinguiu dentre todas as cronistas do nosso jornalismo. (ALMEIDA, 23 ago. 1910, p. 1)

Júlia Lopes de Almeida acrescenta, na mesma crônica, que “mais do que nunca ela queria viver, viver muito tempo ainda para se dedicar completamente a sua obra literária, começada tarde infelizmente, e que pensava em enriquecer de novas concepções que lhe acudiam em tropel [...]”. E, na sua “luta heroica” pela vida, “aquela inteligência [...] na própria dor, parecia encontrar elementos novos de robustez e de clarividência.” (ALMEIDA, 23 ago. 1910, p.1)

Desse depoimento de quem a conheceu, para além da sua obra literária, percebe-se o quanto Carmem Dolores queria viver, mas viver para mais escrever.

Em outro trecho da crônica referida anteriormente, Almeida (1910, p.1) diz: “Para que Carmem Dolores consentisse em deixar-se morrer, foi preciso aturdi-la, subjugá-la, torná-la inerte pelo efeito de uma forte injeção de morfina.” Vontade de viver e de

escrever não lhe faltaram, mas a morte, tema tantas vezes abordado poeticamente por ela nas suas crônicas, a levou aos 58 anos. “Receando talvez acabar antes de poder transmitir ao papel tudo o que tinha na ideia, Carmem Dolores queria escrever agora depressa e muito, desdobrando, freneticamente a vida que lhe fugia e que ficaria assim cristalizada nos seus pensamentos e ideias”, diz ainda Almeida (1910, p.1), além de manifestar um desejo e destacar o valor das crônicas entre todos os gêneros escritos pela autora:

Há [...] outra homenagem a prestar a essa escritora: a de lhe enfeixarem as crônicas melhores em um volume bem editado, bem cuidado e em que figurem o seu retrato e a sua biografia. Será a única maneira de não deixar morrer com ela a maior e a melhor parte da sua obra. (ALMEIDA, 1910, p. 1)

E conclui dizendo que foi assim que ela nos deixou a sua obra literária como “testamento”, pois a autora tem “ilustração provada à saciedade nos seus escritos [...]” e que não nos deixou uma obra literária prodigiosa (e maior) porque começou a publicar tarde, mas reconhece “sua observação da vida e seu talento excepcional, o seu temperamento vibrátil, sua coragem de lutadora e sua capacidade de trabalho.” (ALMEIDA, 1910, p. 1)

Brito Broca (2004, p.327) observa que ela começou a escrever por “[...] diletantismo, depois, forçada pelas necessidades econômicas, pôs-se a desdobrar-se em colaboração permanente em jornais e revistas”. Ela mesma comentou isso nas suas crônicas, como já dissemos anteriormente, assim como em vários outros trechos de suas crônicas se evidencia a sua origem de família burguesa, com condições de viajar para Paris, como era o costume da época nas famílias mais abastadas. Ao se referir à comédia “*La joie fait peur*”, escrita por Mme. Emile de Girardin, para o *Theatro Francez*, diz: “Pude ouvir essa peça nesse mesmo teatro, em Paris, e por esse conjunto de incomparáveis artistas da *Comédie Française*[...]” (DOLORES, 1907b, p. 1)

Sua condição social privilegiada também está reconhecida na crônica de 24 de março de 1907, quando afirma sempre ter tido criados para lhe servir: “Sou de todo ponto insuspeita nesta questão, eu, porque tenho a privilegiada ventura de não conhecer as agruras de uma busca e de uma mudança contínuas de criados, mantendo desde longos anos as mesmas criaturas sob o meu governo.” (DOLORES, 1907a, p. 1)

Só em 08 de março de 1908, aparece uma razão possível para a “necessidade econômica”, apontada por Brito Broca, ter surgido na sua vida, o que a levou a escrever para garantir a subsistência da sua família. Ao comentar a falência decretada durante os dias de carnaval do Banco União do Comércio, numa clara jogada financeira, já que nas últimas 24 horas ainda receberam depósitos de humildes trabalhadores, que não verão



mais o seu dinheiro, comenta sua própria experiência com outro banco:

Em esfera superior, não se tratando do depósito de pequenas quantias, mas sim de grandes capitais, o Banco da República do Brazil (sic) fez perfeitamente o mesmo – posso dizê-lo de cadeira, eu, que lá deixei parte de minha fortuna – e ei-lo, contudo, sob um nome levemente alterado, representando agora um banco forte e servindo de esteio aos banquinhos, sem que, aliás, me tenha pago o que me tirou.

Fez um rateio amável, após seis longos anos de silêncio sem um dividendo, entregou uma migalha a cada acionista e pronto! Abriu novo voo para as esferas atuais de grande importância e grande capital... Ora! Aí temos como se fazem os bancos fortes.

O do Brasil tem hoje um fundo próspero de fazer medo: eu, eu... estou aqui escrevendo estas verdades inúteis e um tanto ridículas... (DOLORES, 1908b, p. 1)

Escrever crônicas foi a saída encontrada depois das perdas sofridas: a morte do marido e do filho – provedores da sua família – e a perda financeira com a falência do banco onde tinha parte de sua fortuna.

Porém, voltemos as nossas indagações iniciais, retomando, concomitantemente, a citação de Julia Lopes Almeida, na parte em que ela imprime um julgamento de valor ao afirmar que as crônicas são a “maior e melhor parte da sua obra”.

Apesar de a maior parte dos nossos historiadores da literatura sequer mencionar a escritora e sua obra e serem poucos os estudos acadêmicos desenvolvidos sobre a obra dessa autora até o momento, que resultam em livro, tese, artigos e comunicações, ela é estudada em algumas antologias, como a organizada por Zahidé Muzart (1999), *Escritoras Brasileiras do Século XIX*; bem como no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, organizado por Nelly Novaes Coelho (2002). Algumas obras de historiadores como a de Brito Broca (2004) *A vida literária no Brasil 1900*; Lucia Miguel-Pereira (1950) *História da Literatura Brasileira: Prosa de ficção de 1870 a 1920* e Afrânio Coutinho *et al* (1995) *Enciclopédia de Literatura Brasileira* lhe dedicam curtos parágrafos, mas a maioria dos críticos e historiadores nem a citam, como é o caso de Sacramento Blake que não a inclui numa lista de 120 mulheres presentes no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (sete volumes publicados entre 1883 e 1902).

Na época em que viveu, seus textos polêmicos tiveram relativa repercussão, como se pode observar nos adjetivos atribuídos a Carmem Dolores, na nota sobre a conferência literária da autora, publicado no *Correio da Manhã* em 10 de agosto de 1908: “festejada escritora”; “admirável cronista”; “prosa cintilante e espirituosa da autora”; “páginas empolgantes e sugestivas que abrilhantam as nossas colunas”. Ainda no *Correio da Manhã*, em 06 de julho de 1908, na coluna Semana Literária (p. 2), o redator comenta a publicação do livro *La republica degli stati Uniti Del Brasili (America Latina)* de Alberto Gervais, no qual a escritora aparece ao lado de escritores

reconhecidos pela história crítica: “Do século 19, poesia e romance, são esgotados em história crítica, alcançando esse estudo as obras dos Srs. Machado de Assis e Arthur Azevedo e a de algumas escritoras, como Aurea Pires, Carmem Dolores, Narcisa Amalia e outras.” Além disso, a polêmica defesa do direito da mulher ao divórcio e da igualdade de condições que ela deve ter quando o casamento se desfaz resultou em muitas notas críticas em torno do seu nome e de suas crônicas no *Correio da Manhã*.

Outro crítico estrangeiro, que comentou sua obra no exterior, recebeu os agradecimentos da própria Carmem Dolores em crônica publicada no *O Paiz*:

Consinta este fim de sensaborona crônica que eu, não saturada de lisonjas de colegas jornalísticos, e portanto ainda sensível a algumas, exprima aqui a minha gratidão ao Jornal *Novidades* de Lisboa, de 20 de setembro, em que tão cavalheirosamente fui tratada num artigo do Sr. Visconde de S. Boaventura, que sinto muito não conhecer. Todo o resumo da minha conferência sobre *A cidade e o campo*, feita em São Paulo, mereceu uma transcrição longa, cuidadosa, amabilíssima, e cercada ainda por cima das mais delicadas e imerecidas referências à minha pessoa. Não sei como agradecer tanta bondade, partindo de um jornal estrangeiro e de um jornalista a quem nunca prestei serviço do meu louvor. É uma espontânea e adorável generosidade que me torna grata. (DOLORES, 1907c, p. 1)

Jie, cronista do *Correio da Manhã*, escreveu uma crônica sobre Carmem Dolores em 17 de janeiro de 1908, na qual comenta a curiosidade despertada nos leitores e os comentários nas rodas intelectuais sobre o “incógnito nome de guerra” escolhido por ela e também ressalta o valor dos seus textos publicados sob pseudônimo:

O que ninguém lhe negava – o que ninguém podia negar-lhe – era talento. Carmem Dolores, fosse ela quem fosse, tinha talento, um talento original e vibrante, uma observação aguda e pachorrenta, um estilo claro, incisivo, e – muito especialmente – uma *coragem* desmedida, para dizer à face dos contemporâneos boquiabertos, as verdades mais duras e menos discutíveis. (JIE, 1908, p. 2)

Também Coelho Neto, no prefácio do livro de contos *Um Drama na Roça* não economiza nos elogios ao seu talento como escritora e como cronista:

A autora desse livro é uma das mais robustas organizações artísticas do nosso meio e continuaria ainda desconhecida ou circulando nas letras sob o rebuço masculino se a não animassem a sair com o seu talento a público.

O nome de Carmem Dolores apareceu um dia, n’*O Paiz*, firmando uma crônica magistral. Era uma página forte, de soberbo estilo, tersa e vibrante, na qual os conceitos vinham aboindo sobre as ondas sonoras dos períodos, como floridos camalotes descendo ao som das águas de uma ribeira límpida. [...]

E hoje é, sem contestação, um dos escritores de mais brilho, eximia analista d’almas, lavrante caprichosa de casos comuns da vida que Ella, com a arte subtil de Ariadne, transforma em teia rutila, tão fina, tão delicada, tão graciosa que o espírito nela se prende e fica, como em um halo de luz, gozando, embevecido, o encanto.

Artista, tem a preocupação da forma. Com o assunto procede como a verdade: faz da observação espelho e, reproduzindo episódios reais, não se preocupa com o que se possa dizer de sua audácia. (COELHO NETO, 1907, p. IV)

Nas longas citações anteriores, os autores já respondem o que indagávamos no início deste artigo, quando Coelho Neto qualifica a sua crônica como “magistral” e

aponta os cuidados que a cronista tem tanto com a forma, quanto com o assunto. Assim como, quando Jie lhe reafirma o talento, reconhece nela um estilo peculiar. O que nos permite inferir que, como as mulheres que venciam no campo literário eram raras nesse período e tinham consciência de que precisavam conquistar o reconhecimento de seus textos sem permitir que leitores identificassem a autoria feminina, normalmente usando pseudônimos, o cuidado que tinham na produção cronística, mesmo feita em curtos prazos, era redobrado.

Em mais de uma crônica, Carmem Dolores reclama da falta de cuidado dos revisores na diagramação dos periódicos em que colaborou, apontando erros gráficos que chegam a mudar o sentido dos textos que ela entregava corretíssimos. No *Correio da Manhã*, escreve a crônica “Ideias Leves” em 26 de dezembro de 1909, na qual a própria autora tematiza o problema discutido nas rodas intelectuais do momento: “se a prosa dos artigos do jornal moderno deve ter o labor trabalhado de uma produção artística, ou antes a singeleza elegante e concisa do que se escreve de um jato, despreziosa e rapidamente”. Ela se posiciona diante da questão, dizendo que:

Resta, agora, o processo mais moderno de escrever com uma simplicidade aparente, fluida e clara, que é todavia muito difícil, porque não se abriga sob a fosforescência dos termos de efeito. E é talvez o estilo que eu prefiro, mas de que muitos não gostam aqui.

No entanto, [...] para o jornalismo da atualidade, nervoso, rápido, vibrante, o artigo também escrito de um fôlego é o que convém, é o único que pode ser admitido com a certeza de ser lido.

O mais... prosa de arte, rebuscamentos, gongorismos, floreios retóricos, já não fica bem ao jornal que está no movimento de 1909. (DOLORES, 1909, p. 1)

A autora tem consciência das prerrogativas dos novos tempos que exigem formas modernas e produz seus textos com essas qualidades, pois a conquista dos leitores é o que lhe garante a permanência na função dentro dos jornais mais lidos da época.

Quanto ao valor do ato de escrever crônicas em periódicos lidos nas altas rodas intelectuais, Carmem Dolores, em crônica de 21 de janeiro de 1906, publicada no *O Paiz*, afirma que escrever crônica para ela é cumprir um dever e que a função da crônica e do cronista é instruir:

Assim mesmo sucumbida, acovardada, procurarei erguer-me sobre um joelho para cumprir o meu dever, refugiando-me na fantasia leve para suprir a energia varonil e apelando para o inesperado, o triste ou o mordente da minha fibra de mulher, para preencher as lacunas do meu vigor de artista. E quem dá o que tem não pode ser condenada, não é verdade, Sr. redator? (DOLORES, 1906a, p. 1)

Uma marca muito evidente do estilo de Carmem Dolores é a ironia, usada nas mais diferentes circunstâncias e fatos, inclusive quando se autodescreve. No conjunto de crônicas coletadas em *O Paiz*, é comum encontrar expressões como: “minha débil pena”, “escrevinhadora destas linhas”, “arabescos destas linhas”, “minha fibra de

mulher”, “meu vigor de artista”, “eu, aqui, a remoer o assunto em minha prosa chocha”, “eu, tão pequenina”, “meu último livrinho de contos”, entre outras. Expressões que evidenciam a sua consciência do lugar social destinado à mulher intelectual e, concomitantemente, o seu papel de brava combatente na luta pelo reconhecimento do seu trabalho com toda a sua irreverência, como o faz em crônica publicada em *O Paiz*:

Apesar de me considerar a mais humilde em *ver a terre* em matéria de jornalismo, isso nunca me impediu que eu me reservasse o direito de pensar como entendia acerca de qualquer assunto e tivesse o topete de externar sempre a minha opinião com a maior franqueza. [...]

Ora, se eu pertencesse à roda em voga dos vultos jornalísticos, já consagrados, é bem possível que me houvesse tornado antipática, talvez mesmo odiosa, ao Sr. M.A., da *Notícia*. Mas salvou-me a minha insignificância. Foram mordidelas de mosquito, ousando afrontar um leão. Nem o leão me conhece.

(Ainda assim, por causa das dúvidas, não ofereci o meu último livrinho de contos a J. dos Santos. A prudência aconselhou-me esta abstenção, que me custou, confesso, pois é preciso um juízo desse crítico. Mas a gente deve carregar valentemente com responsabilidade os resultados dos seus atos, não acham leitores?) (DOLORES, 1908a, p. 1).

Por meio de um processo de autoconhecimento, realizado através da escrita e da rememoração de sua experiência individual, a autora reconhece o lugar à margem da intelectualidade em voga destinado à mulher ainda na primeira década do século XX. Nas “mordilelas de mosquito ousando enfrentar o leão”, faz o reconhecimento de si mesma, de forma poética. Ao se conferir o direito de expressão de expressar o seu ponto de vista, em veículos de grande alcance, a autora nos permite inferir que ela escrevia crônicas para jornais, não apenas como meio de subsistência, tão repetidamente enfatizado por ela, mas também por paixão ao ofício. É como se, por meio dessa transgressão da ordem estabelecida socialmente para a mulher, ela deixasse provado nas entrelinhas que tinha competência para a função de cronista.

Apesar de, predominantemente, comentar fatos jornalísticos - lidos ou vistos - sua escrita é poética, permeada de metáforas, metonímias, personificações e comparações e muita ironia. Nos trechos narrativos, normalmente, cria um suspense e, em outros trechos, as imagens resultantes da intensa adjetivação usada chegam a ter cor, perfume ou odor. O texto literário (prosa ou verso), lido por ela, aparece constantemente como mote, ou como forma de entender a realidade circundante, a modernização da cidade, as ações e reações humanas (o que se faz por amor e por ódio, ou por interesses de toda ordem). Entre os temas mais abordados por ela estão: o feminismo possível para a época; a legalização do divórcio; a crítica ao clero; a modernização da cidade do Rio de Janeiro; o sentido da vida e da morte em face de tantos suicídios e assassinatos diários. Os eventos culturais como as conferências literárias, os concertos musicais, as peças teatrais, os novos livros lançados que lhe oferecem para análise crítica também

aparecem comentados sempre com a sua peculiar sinceridade. Como se vê, a matéria pode ser jornalística, fruto de sua observação do cotidiano, mas a forma é carregada por um tom poético, próprio do seu estilo de escrever.

E não há que se duvidar do seu empenho no ofício, não apenas pelos longos anos em que se manteve como cronista de primeira página de um jornal dominical, não apenas pela repercussão de seus textos polêmicos que geraram debates com outros cronistas da época e críticas ferrenhas que ela respondia com toda a sua irreverência, mas, principalmente, pela informação já comentada de que escreveu crônicas até seus últimos suspiros de vida e não foram os seus livros que lhe garantiram a subsistência, mas sim sua obra cronística.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Julia Lopes. Carmem Dolores. In: **O Paiz**. ed. 9453. Rio de Janeiro. 23 ago.1910 p.1.

BROCA, Brito. **A vida literária do Brasil de 1900**. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

CÂNDIDO, Antonio. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

COELHO NETTO. Prefácio. In: DOLORES, Carmem. **Um drama na roça**. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1907.

COELHO, Nelly Novaes (Org.). **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. Brasília: FAE, 1995.

CUNHA, Cecília Maria. **Vivências em retalhos**: um ensaio sobre a crônica de Raquel de Queiroz nas páginas de O Cruzeiro (anos 50). Tese de doutorado: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2011. 373 p.

DOLORES, Carmem. [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. In: **O Paiz**. ed. 7775, Rio de Janeiro, 21 jan. 1906a.

\_\_\_\_\_. A semana. In: **O Paiz**. ed. 7969, Rio de Janeiro, 29 jul.1906b.

\_\_\_\_\_. A semana. In: **O Paiz**. ed. 8207, Rio de Janeiro, 24 mar.1907a.

\_\_\_\_\_. A semana. In: **O Paiz**. ed. 8214, Rio de Janeiro, 31 mar.1907b.

\_\_\_\_\_. A semana. In: **O Paiz**. ed. 8305, Rio de Janeiro, 30 jun.1907c.

\_\_\_\_\_. A semana. In: **O Paiz**. ed. 8550, Rio de Janeiro, 01 mar.1908a.

\_\_\_\_\_. A semana. In: **O Paiz**. ed. 8557, Rio de Janeiro, 08 mar.1908b.

\_\_\_\_\_. Ideias Leves. In: **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 dez. 1909.

JIE. Carmem Dolores. In: **Correio da Manhã**. ed.2378, Rio de Janeiro, 17 jan.1908.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47-61.

- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. **História da Literatura Brasileira**: Prosa de ficção de 1870 a 1920. Vol. XII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. Coleção Documentos Brasileiros.
- OLIVEIRA, E. B. R. et al. **Aulas de Redação**. São Paulo: Atual, 1980.
- PINTO, Maria de Lourdes de Melo. **Memórias de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX**: a emergência da obra periodística de *Chrysanthème*. Tese de doutorado: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006. Vol.1, 269 p.
- QUEIROZ, Raquel. Uma romancista. **O Cruzeiro**, 13 nov.1954, p. 98.
- SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1992.
- VASCONCELLOS, Eliane. Carmem Dolores. In: MUZART, Zahidé L.(org.). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. 2.ed. ver. Florianópolis: Ed. Mulheres,1999.
- VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2004.